

**REFLEXÕES SOBRE A INTERFERÊNCIA DA LÍNGUA MATERNA NO  
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS:  
PERSPECTIVAS DOCENTES SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NAS  
AULAS DE LÍNGUA INGLESA DE ESCOLAS DE CANOINHAS – SC**

**TACIANA MARIA GLABA<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este artigo se propôs a analisar o posicionamento de professores de língua inglesa que atuam em diferentes contextos de ensino sobre o processo de ensino e aprendizagem da LE e as interferências da LM durante esse processo. Primeiramente faremos uma breve discussão sobre a metodologia utilizada para a pesquisa, partimos então para a interferência da LM no processo de ensino e aprendizagem e, por fim, foram analisados os questionários aplicados a seis professores das redes pública e privada de ensino de Canoinhas-SC. O presente estudo, uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, analisou, assim, as perspectivas dos seis docentes sobre as interferências que norteiam o ensino da LE em relação à LM e como esses professores encaram a diversidade linguística e cultural em suas aulas. O estudo contribui para uma reflexão perante a erradicação da LM no processo de ensino e aprendizagem da LE, e mostrou que a LM é essencial, principalmente no início do processo, onde o indivíduo está tendo o primeiro contato com a língua alvo. A pesquisa também mostrou que nos desvincularmos de nossa LM durante a aprendizagem de uma nova língua é algo utópico.

**Palavras-chave:** Língua Inglesa; Língua Materna; interferência; aprendizagem; ensino de línguas; diversidade.

## **1 INTRODUÇÃO**

No mundo globalizado em que vivemos, o conhecimento de uma língua estrangeira (LE) é de extrema importância para uma atuação mais expressiva na sociedade, e a procura pela Língua Inglesa é, na maioria dos casos, a que exige maior demanda nas escolas de idiomas brasileiras. Sabemos que a Língua Inglesa é

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras – Inglês/Português pela instituição de Ensino Superior de Maringá (UniCesumar).  
Especialista em Educação e Diversidade pelo Instituto Federal de Santa Catarina Câmpus Canoinhas  
E-mail: tacyglaba@yahoo.com.br

destaque no mundo inteiro e faz parte do nosso dia a dia, seja na internet, nos rótulos de produtos a que temos acesso, nos artigos científicos, na mídia em geral, principalmente nos filmes e séries, entre outros.

No entanto, a aprendizagem da Língua Inglesa, como qualquer outra LE, nunca estará totalmente desvinculada de aspectos da língua materna (LM). Quando nos referimos à aprendizagem da fala em uma LE, não podemos levar em consideração apenas as questões relacionadas à língua-alvo, mas é preciso que também atentemos a fatores sociais, nível de educação, valores ensinados pelos pais, meio em que a criança cresceu, a escola em que estuda e fatores econômicos. Todos esses aspectos influenciam a maneira como o indivíduo, ao longo dos anos, desenvolverá sua identidade pessoal, que começa na escola e, assim, vai aprendendo a viver em sociedade. Desse modo, a aprendizagem de uma nova língua também acaba sofrendo interferências desses aspectos constitutivos da identidade do aluno.

Desse modo, é comum que os professores encontrem barreiras no processo de ensino e aprendizagem da LE, pois, quando o aluno entra em contato com a língua, baseia-se na língua materna e no seu contexto de fala para a construção dos enunciados. Essas influências da língua materna para a aprendizagem da LE representam uma tarefa árdua para o professor, exigindo tempo para que os alunos tomem consciência das diferenças, principalmente na prática oral da língua estrangeira.

Levando em consideração esses fatores de diversidade linguística nas aulas de Língua Inglesa, apresentamos a seguinte pergunta de pesquisa:

*Como a diversidade linguística e cultural no processo de ensino e aprendizagem de LE é encarada por professores de língua inglesa de escolas públicas e particulares do município de Canoinhas?*

A partir dessa pergunta, o seguinte objetivo foi estipulado:

*Perceber que concepções de ensino de LE são sustentadas por professores de Língua Inglesa de diferentes instituições e níveis de ensino, analisando, principalmente, como a diversidade cultural é compreendida pelos docentes no processo de ensino e aprendizagem da língua e que implicações, sejam positivas ou negativas, a interferência da língua materna pode gerar.*

Esta pesquisa se justifica, assim, por entender o quanto é importante refletir sobre o desenvolvimento da aprendizagem de uma nova língua e sobre como a

língua materna e aspectos da constituição cultural dos estudantes influenciam esse processo em sala de aula. Entender como isso ocorre e quais são as suas implicações pode favorecer um direcionamento mais eficaz por parte dos professores de LE, como também pode servir de reflexão sobre a realidade da diversidade cultural que constitui as línguas no contexto atual de globalização. Outra razão pela qual se justifica o desenvolvimento do presente projeto, é entender como as crenças e valores se aplicam em sala e afetam de uma forma positiva ou negativa no ensino-aprendizagem da LE.

## **2 METODOLOGIA**

O presente estudo é caracterizado como uma pesquisa qualitativa, pois seu foco é responder a questões pertinentes a concepções de ensino e aprendizagem de LE de professores e como esses docentes percebem as influências da língua materna nas aulas de Língua Inglesa. Zwierewicz (2014) define a abordagem qualitativa como sendo fundamental para a compreensão de particularidades, possibilitando a exteriorização da subjetividade, sem a necessidade de assegurar a homogeneidade dos resultados.

Esta é uma pesquisa de campo que apresenta a análise de um questionário aplicado a seis professores de escolas públicas e privadas de Canoinhas. O questionário contou com seis perguntas abertas sobre o ponto de vista dos entrevistados sobre aspectos relacionados à diversidade linguística nas salas de aula de Língua Inglesa a fim de discutir as opiniões, crenças, valores e atitudes dos participantes da pesquisa em relação ao tema.

É válido ressaltar que os dados da pesquisa não são baseados em números ou gráficos, mas sim por meio da análise das respostas que os participantes utilizaram para responder às questões. As perguntas que compuseram o questionário buscaram identificar as visões dos docentes, procurando, assim, compreender: 1) se a língua materna deve ser usada ou não no ensino da LE; 2) se o docente acredita que a língua materna interfere no ensino-aprendizado da LE; 3) se quando está ministrando as aulas, o docente aceita o uso da língua materna por parte dos alunos e como lida com isso, levando em consideração o nível de aprendizagem de seus alunos; 4) se o professor usa a língua materna em sala de aula e em quais tipos de turmas; 5) de que ordem são as interferências da língua materna durante o ensino

da LE e como elas ocorrem; e 6) se eles veem essa interferência como positiva ou negativa, e como essa diversidade linguística pode (ou não) favorecer no processo de ensino-aprendizagem da LE.

Os questionários foram analisados à luz das instituições de ensino em que os participantes atuam, pois dos seis professores, há alguns que lecionam em escola pública, particular e de idiomas.

### **3 A INTERFERÊNCIA DA LÍNGUA MATERNA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESTRANGEIRA**

É comum nos depararmos com a interferência da língua materna no processo de ensino e aprendizagem da LE, uma vez que os alunos tendem a fazer associações entre a LM e a língua alvo quando estão inseridos no processo de aprendizagem da nova língua. Essas interferências podem ser vistas na estruturação, vocabulário e pronúncia. Elas, no entanto, não precisam ser encaradas como negativas durante esse processo. Se analisarmos alguns exemplos dentro de nosso país, perceberemos que as variações linguísticas presentes no Brasil são de várias naturezas e muito comuns, e incorporam questões de vocabulário, de sotaque e até mesmo de estrutura. Sendo assim, é coerente afirmar que a variação linguística é algo comum em diversas situações de práticas de linguagem, o que envolve também a aprendizagem de uma nova língua.

Como já destacado, a procura em aprender uma nova língua tem sido cada vez maior pelo fato de a globalização estar tão presente em nossas vidas. Como afirmam Torquato & Romanelli (2014), a globalização permitiu que a procura por uma segunda língua fosse inevitável. A Língua Inglesa é a opção mais procurada pelas pessoas quando há interesse em aprender uma segunda língua. Mundialmente conhecida e falada, a Língua Inglesa é a única língua em que há mais falantes não nativos do que nativos e, conseqüentemente, nesse processo, a Língua Inglesa sofreu algumas mudanças e, quando globalizada, tendeu a perder sua identidade (LEFFA, 2016).

A Língua Inglesa é considerada, assim, uma língua multinacional, pelo fato de ser a língua oficial de vários países, tais como Estados Unidos, Canadá, Austrália,

Grã-Bretanha entre outros, além de ser considerada uma língua veicular<sup>2</sup>. Com várias pessoas de várias culturas utilizando a mesma língua, é inevitável que haja variação, pois ela não fica ligada a uma só cultura, o que explica que a Língua Inglesa seja também multicultural, pois há uma série de diferentes culturas inseridas em uma só cultura. Como afirma Lira (2007, p. 29):

A existência de uma pluralidade de línguas no mundo implica também numa existência de uma pluralidade cultural. Muito além das listas e tipologias, constatamos que é o inter-relacionamento entre línguas e seus falantes que gera interesses e conflitos.

O Inglês, objeto direto desta pesquisa, é a língua de dois países à frente do poder mundial por quase trezentos anos e representa uma força de poder por ser uma língua veicular. É interessante pensar que quanto maior a veicularidade de uma língua, menor é a quantidade de falantes nativos. O que ocorre é que há muitas pessoas que procuram aprender essa língua. Esse movimento tem provocado a valorização do falante não nativo que opta por ser bilíngue. O *Globish*, como se tem chamado o inglês veicular, é uma demonstração da desterritorialização do inglês, que faz parte hoje do mundo, de maneira simplificada e distante do inglês nativo. As pessoas veem a Língua Inglesa como um código em comum, uma língua de comunicação universal fazendo com que a torne multicultural, como ressaltam Nóbrega e Sousa (2007).

De acordo com Callegari (2006) analisando os estudos de Krashen, há duas formas de apropriação da LE, o processo de aquisição e o processo de aprendizagem de uma língua. No processo de aquisição, o indivíduo aprende por meio da necessidade e do ambiente em que está inserido, parecido com o processo de assimilação que ocorre quando aprendemos a LM. Inserido no contexto onde pessoas falam apenas a LE, o indivíduo acaba tendo que se expressar apenas na língua alvo, sem ter como recorrer a LM, o que é diferente no processo da aprendizagem, pois o indivíduo tem como válvula de escape a LM caso não consiga falar ou se expressar na LE.

O uso da LM no processo de ensino e aprendizagem da LE é vista por alguns estudiosos como um facilitador no processo e para outros é encarado como algo

---

<sup>2</sup> Uma língua veicular é uma língua urbana, estatal ou mesmo mundial, primeira língua de desterritorialização, está “em toda parte”. Essa é a língua de sociedade, de troca comercial, de transmissão burocrática, assim, refere-se ao âmbito espacial sincrônico das cidades e tem a ver com a “ação” (NÓBREGA; SOUSA, 2007).

prejudicial ao aprendizado. De acordo com Sousa e Tomé (2010), os alunos tendem a fazer relações e traduzir a LE para a LM, o que, para as autoras, é o maior erro cometido pelos estudantes de LE. Involuntariamente recorreremos à LM para no comunicarmos e fazermos relações com a LE, e esse, segundo as autoras, é um exemplo típico de interferência. Outro ponto recorrente é a necessidade que os alunos sentem de traduzir palavra por palavra, ou recorrer como primeira alternativa à LM em vez de tentar procurar sinônimos na LE para se expressar.

Callegari (2006) menciona em sua pesquisa o modelo proposto por Krashen, que acredita que o indivíduo que está imerso apenas na língua alvo, adquire a LE mais rápido e com melhor fluência do que alunos que estudam por anos em uma sala de aula, pois nem sempre as atividades que são apresentadas em sala de aula condizem com contextos reais de atuação; ou então o aluno aprende, mas não sabe como usar, pois o modelo é engessado e sem possibilidades para outras formas de expressões e falas.

Sabe-se que é por meio da Língua Inglesa que a maioria das pessoas se comunica e encontra nela a língua em comum para haver a comunicação entre diversos falantes do mundo, pois é considerada uma língua franca. Como afirma Ferreira-Rosa (2009, p. 79),

Não posso, baseado nos pressupostos sistêmicos herdados do estruturalismo, ver a língua como um código fechado, uno e homogêneo. Não posso impingir em meus alunos falsa imutabilidade e aparente transparência da LE, como um outro, estranho – unilateral e unívoco – que deve usurpar os domínios familiares da primeira língua cuja discursividade já se constituíram sujeitos.

É normal que as pessoas misturem as línguas em seus discursos, que tenham sotaque e cometam erros na construção de frases, isso faz parte do processo de aprendizagem e também parte da pessoa e sua identidade, não a desvinculando totalmente de seu país, sua cultura e língua de origem. As diversidades que compõem a realidade brasileira são inúmeras, sejam estas de costumes, crenças, raças, classe social e gênero, e, é claro, essa diversidade se reflete também na língua falada e no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. De acordo com Santos Silva (2009, p.02), é interessante fazer uma análise de “[...] como a diversidade linguística pode ser tratada nas aulas de LE/L2, de maneira vinculada à cultura, observando o estudo da estrutura da língua em

concordância com a diversidade cultural que tanto reflete na diversidade linguística brasileira”.

#### **4 APRESENTAÇÃO DOS DOCENTES PARTICIPANTES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

O modo como o professor leciona suas aulas depende de vários fatores como, por exemplo, a escola em que ensinam, número de alunos por sala de aula, interesse dos estudantes e nível de conhecimento da língua alvo. Para a realização desta pesquisa, foram analisadas as respostas de seis docentes que lecionam Língua Inglesa em diferentes escolas, suas opiniões e experiências, buscando perceber como se dá a interferência da LM durante as aulas. Para apresentar o posicionamento, opiniões e crenças de cada professor, foram utilizados para cada um deles nomes fictícios com o intuito de preservar a identidade de cada docente.

Antes de abordar as respostas de cada professor participante da pesquisa, é interessante que se faça a apresentação da escola em que cada um deles trabalha e também sua formação, para que o contexto da pesquisa seja melhor compreendido, pois isso pode representar uma informação essencial para a análise dos dados.

Os docentes João e Ana lecionam em escola particular de idiomas. João não possui ensino superior e Ana possui graduação em Engenharia de Transportes e Logística pela UFSC, MBA em Administração e Logística e pós-graduação em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa. Ambos iniciaram recentemente a graduação EAD em Letras – Inglês pela universidade Uniasselvi.

A professora Júlia, formada em Letras – Inglês/Português pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) leciona em escola pública de ensino médio e também em escola de idiomas. A professora Maria, também formada pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), é professora efetiva em escola pública de ensino médio atualmente, mas já lecionou em escola de idiomas. A professora Clara é formada em Letras – Inglês/Português pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), e já lecionou em escola de idiomas também, mas no momento está trabalhando apenas em escola pública de ensino fundamental. E por último, a professora Laís é graduada em Letras – Português/Inglês pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) é especialista em metodologia do

ensino de línguas pela Universidade do Contestado, mestre em estudos linguísticos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e está em processo de doutoramento pelo mesmo programa. Atualmente leciona no ensino superior da rede pública e também em escola privada de ensino médio, mas já lecionou em escola de idiomas. Todos os professores participantes da pesquisa atuam em área urbana. O questionário aplicado a cada docente é composto por seis perguntas abertas e foram enviados por meio eletrônico e prontamente devolvidos por todos os docentes participantes da pesquisa.

O primeiro questionamento foi: *“Na sua opinião, a língua materna deve ou não ser usada no aprendizado da língua estrangeira? Por favor, justifique.”* Essa questão abrange opiniões divergentes que norteiam esse assunto no âmbito escolar. Dos seis docentes entrevistados, João, Júlia, Laís e Ana responderam que o uso da LM é indispensável, principalmente para aprendizes iniciantes de LE. Esses quatro professores afirmaram que é importante essa interação por intermédio da LM para a aquisição da língua de forma gradual e sem frustrações. Laís destacou que o uso da LM na aquisição de uma LE possa representar o desenvolvimento da autonomia do estudante:

Eu acredito que a língua materna serve de suporte para os aprendizes de um idioma estrangeiro, uma vez que a relação entre as duas línguas (materna e estrangeira) tende a auxiliar na aquisição de maneira geral. Isso é fundamental principalmente nos estágios iniciais, e essa prática habilita o aprendiz a adquirir autonomia na língua estrangeira de forma gradual (LAÍS, QUESTIONÁRIO, 2020).

Indo ao encontro do que pensa Laís, Cavalheiro (2008) afirma que a LM serve como um conforto, uma âncora para o aprendiz nesse processo, pois assim diminui o abismo entre as duas línguas e eleva a autoestima do aluno.

Por outro lado, Maria, apesar de concordar com o fato de usar a LM no processo de ensino e aprendizagem da LE, mencionou que isso pode ser um fator negativo, pois o aluno pode se acostumar a usar a LM e sempre fazer uso desta durante as aulas. Como afirma Pereira (2001), alguns professores acreditam que o uso da LM em aula pode significar a “abertura das comportas”, ou seja, significa que os alunos recorrerão a LM como primeira opção, sem tentar se expressar na língua alvo primeiro, e isso poderia deixar o professor sem controle das aulas. No entanto, Maria concorda que durante o início do processo de ensino e aprendizagem é importante fazer o uso da LM.

De outro modo, a participante Clara acredita que a melhor maneira de aprender uma nova língua é por meio da interação e contato total com a língua alvo. Para sustentar sua opinião, ela cita o exemplo do intercâmbio, quando um indivíduo, mesmo sem saber o idioma, vai morar por algum tempo em outro país e se vê obrigado a se comunicar naquela língua. Nesse exemplo citado por Clara, vale ressaltar que a imersão que ocorre quando fazemos um intercâmbio é por meio da aquisição de uma segunda língua, muito parecido com o que acontece quando aprendemos a nossa LM, pois somos inseridos em um ambiente onde o ensino da língua ocorrem de forma mais rápida e eficaz. É como afirma o autor Callegari (2006, p. 89):

Aprendizes que estão imersos num ambiente onde a língua estrangeira é falada constantemente e que têm necessidades reais de comunicação (alunos que fazem intercâmbio, por exemplo) aprendem tal língua com mais rapidez e fluência do que quem a estuda formalmente, no seu país de origem, ainda que por muitos anos.

Porém, Clara cita que na escola pública de ensino fundamental em que leciona essa abordagem é utópica, pois o número de alunos por sala é alto e há alunos com vários perfis e níveis de ensino diferentes em uma sala de aula.

A primeira pergunta do questionário aponta diferentes posicionamentos em relação ao modo como os docentes entrevistados percebem a LM no processo de ensino e aprendizagem da LE. No entanto, todos concordam que, em determinados contextos, o uso da LM se faz imprescindível e esperar que os alunos façam uso unicamente da LE em sala é muito improvável.

A segunda pergunta do questionário foi: *“Você percebe interferências da língua materna no ensino da língua estrangeira? Você vê essas interferências como positivas ou negativas? Por favor, justifique.”* A afirmação das interferências presentes no processo de ensino e aprendizagem da LE foi unânime entre os participantes deste estudo. De acordo com a docente Júlia, os alunos tentam adequar os contextos da LM na LE, e em questão de memorização isso pode ser positivo. No entanto, a docente destacou que isso também pode ser negativo, pelo fato de o aluno não conseguir assimilar o ponto em questão por não ter a mesma estrutura da LM. Callegari (2006) menciona que muitas regras que são aprendidas e

memorizadas não são suficientes para a aplicação no momento da fala e/ou escrita no ensino da LE.

Para a docente Ana, no começo do processo são normais e aceitáveis essas interferências e se fazem necessárias para que não haja frustrações, mas para alunos que têm um conhecimento mais avançado da LE essas interferências tendem a ser negativas, pois os alunos querem usar apenas a tradução e, segundo ela, isso soa artificial, principalmente na língua falada. Do mesmo modo, a professora Maria disse acreditar que a metodologia pode influenciar muito no processo e nessas interferências. De acordo com a docente (MARIA, QUESTIONÁRIO, 2020):

A metodologia utilizada influencia na interferência da língua materna no ensino da língua estrangeira. No início do processo, ela pode ser positiva, trazendo a rápida associação. Ao longo do tempo, a falta de equivalências pode frustrar o aluno” (MARIA, QUESTIONÁRIO, 2020).

Para Clara essas interferências são positivas, principalmente se levar em consideração o ensino na rede pública, pois assim o professor consegue intermediar as aulas com êxito. A docente Laís também defende que essa interferência é positiva, pois prepara o aluno a construir sua independência linguística de forma gradual. O aluno vai se desprendendo dessas interferências da LM por já estar mais acostumado a pensar, produzir e acessar a LE de forma mais rápida e natural. Laís afirma que:

Também acredito que em níveis mais avançados o aprendiz se desprenda desse suporte que tem na língua materna, visto que o funcionamento de seu cérebro já estará acostumado a produzir e acessar a língua estrangeira de forma mais rápida e natural. Essas relações entre L1 e L2 proporcionam um ambiente mais tranquilo de aprendizagem (LAÍS, QUESTIONÁRIO, 2020).

Ao contrário do que as demais participantes pensam, João acredita que tem uma influência negativa. “Sim acredito nessas interferências, e elas tem uma influência negativa, visto que interfere na pronúncia correta bem como nas estruturas das frases, visto que a maneira de pensar em cada idioma é diferente” (JOÃO, QUESTIONÁRIO, 2020).

Essa afirmação que João faz, vai ao encontro com o que pensa Callegari (2006), analisando a hipótese de Krashen, que diz que a aquisição do indivíduo para uma segunda língua ocorre de forma automática se o aluno estiver exposto a língua

alvo, ou seja, quanto mais exposto a LE, mais rapidamente e natural o aluno aprenderá a LE. Ou seja, quanto mais exposto à língua alvo o indivíduo estiver e mais se esforce para pensar somente na língua alvo, mais facilmente a aprendizagem ocorrerá. Se durante o processo houver contato demasiado com a LM, essas interferências acontecerão com mais frequência e se mostrarão negativas durante o processo.

A terceira pergunta apresentada aos docentes participantes foi: *“Você, como professor, aceita o uso da língua materna por parte dos alunos nas suas aulas? Se sim, em quais níveis? Se não, como faz para controlar e evitar que os alunos usem a língua materna na aula?”*

O uso da LM é aceito pelas professoras Maria e Júlia. Isso ocorre pelo fato de que, segundo elas, em escola pública, torna-se praticamente impossível usar somente a LE em sala de aula. Maria comenta que:

São 30 alunos com diferentes níveis de conhecimento e a intenção é não deixar ninguém para trás. Quando todos têm o mesmo nível, acredito que um sistema de recompensa é eficaz e que usar a língua materna em excesso em sala de aula, não tentando outros meios de se expressar na língua-alvo, traz conforto e não gera resultados positivos também (MARIA, QUESTIONÁRIO, 2020).

Rodrigues (2012), analisando os estudos de Moreira e Gil (2004) diz que o uso da LM em sala ocorre pelo fato do número excessivo de alunos, falta de infraestrutura, falta de atenção das autoridades para o ensino da LE, falta de motivação e paciência de alunos e professores, tornando, assim, difícil o ensino eficaz da LE em uma escola de ensino público.

Por outro lado, Maria comenta que em uma escola de idiomas é diferente; o uso da LM é limitado conforme o nível e idade do aluno, para que se esforcem cada dia mais a praticar o idioma proposto.

Os professores João e Ana disseram que aceitam o uso da LM apenas no início do processo de ensino e aprendizagem e que isso é possível, pois o número reduzido de alunos em escola de idiomas acaba deixando o ambiente mais propício e facilita o ensino da LE, pois o professor consegue dar uma atenção maior a todos os alunos que estão presentes em sala de aula.

Para incentivar os alunos a falarem apenas a LE em sala de aula e não recorrerem a LM como primeira opção, os professores João e Ana propõem uma

brincadeira para que as aulas sejam mais dinâmicas, divertidas e que incentivem os alunos a usarem apenas a LE. A brincadeira ocorre da seguinte forma: a cada palavra que os alunos falam na LM, o professor anota o nome do estudante no quadro e a quantidade de palavras que foram faladas. Cada palavra dita na LM tem certo valor (R\$0,25). A cada aula o professor anota os alunos e a quantidade de palavras ditas. No dia da revisão para a prova, que ocorre no final do semestre, o professor anuncia quantos reais cada aluno deve e pede para eles trazerem essa quantidade em dinheiro. Com o dinheiro coletado, compram algum lanche para a turma (geralmente pizza ou salgadinhos). De acordo com esses dois professores, a brincadeira é uma maneira de estimular os alunos, e todos acabam se divertindo e ao mesmo tempo se esforçando para pensar na LE que estão aprendendo. Eles ressaltam que essa brincadeira é feita apenas com alunos que já tem conhecimento e vocabulário mínimo para se comunicar na LE. Essa ideia vai ao encontro com o que pensa Bernabé (2008, p. 256):

Os alunos devem estar expostos o máximo possível à LE que estão aprendendo para que possam atingir a fluência na língua e só devem recorrer à L1 para garantir a intercompreensão do discurso e reconhecer as diferentes maneiras de se expressar na LE e na sua própria língua.

Em relação à oralidade, a professora Clara afirmou que seus alunos fazem apenas pedidos simples usando a língua alvo. A professora Laís destacou que recebe essa inter-relação entre as línguas. Ela afirma que:

Eu recebo essa inter-relação sim, e isso não quer dizer que não incentivo os alunos a utilizar a língua estrangeira. Quanto maior o tempo em que os alunos estiverem no processo de ensino-aprendizagem do idioma estrangeiro, maior o incentivo para que utilizem apenas essa língua (LAÍS, QUESTIONÁRIO, 2020).

Seguindo para a questão quatro, perguntei: *“Você, como professor, usa a língua materna nas suas aulas? Se sim, em quais situações?”*. As professoras Júlia, Maria e Clara afirmaram que utilizam a LM no processo de ensino e aprendizagem da LE. Isso ocorre pelo fato de que na rede pública, uma aula ministrada apenas com a LE não atingiria nem 50% do público alvo, e ainda com a possibilidade de frustrar o aluno e criar um bloqueio para um futuro aprendizado. A LM é utilizada principalmente para a explicação de gramáticas complexas e vocabulário, pois nem

sempre a escola disponibiliza material necessário para as aulas, o que torna a tradução um meio mais simples, rápido e prático.

Os professores Ana e João, utilizam a LM apenas como um último recurso, como afirma Ana:

Sim, algumas vezes. Quando não for possível demonstrar a palavra/ação (mostrando objeto, figura, ou fazendo mímica), e quando mesmo explicando na língua estrangeira com outras palavras o aluno não consegue entender o significado (ANA, QUESTIONÁRIO, 2020).

João afirmou que isso geralmente ocorre com turmas iniciantes, pois turmas mais avançadas conseguem entender com mais facilidade a explicação dada pelo professor. Com as experiências das professoras Júlia e Laís em escola privada e de idiomas, ambas afirmaram que a LM é utilizada nos estágios iniciais do aprendizado, como explicação de estrutura gramatical e contextos com os quais que os alunos não estão familiarizados e não compreendem na LE, e essa ideia condiz com o pensamento de Pereira (2001, p. 59), quando afirma que “A aquisição de língua estrangeira, a nosso ver, não seria uma questão de proibir ou restringir ao máximo o uso da língua materna nas salas de LE, ou de antecipar as interferências da LM na fonologia, morfologia e sintaxe para evitar erros”.

Ou seja, para aprendermos uma LE não precisamos nos desvencilhar totalmente de nossa LM e nem sentir frustração pelas interferências que haverá durante o processo, pois esta serve como um suporte no decorrer do aprendizado e também uma forma de conforto para que o aluno se sinta à vontade para se comunicar, perguntar e tentar se expressar na LE.

A quinta pergunta foi: *“Quais são as maiores interferências da língua materna que você nota durante as suas aulas, tanto na escrita quanto na fala dos alunos quando estão usando a língua estrangeira?”*.

Os professores Laís, Clara, João, Júlia e Ana explicaram que os alunos tendem a aplicar as mesmas regras da LM quando vão falar ou escrever a LE e procurar por semelhanças entre as duas línguas, e isso interfere diretamente no processo de ensino e aprendizado quando acontece a formulação de frases, ordem estrutural e até mesmo pronúncia.

O docente João comentou que alguns alunos tentam falar a LE com as palavras da LM, usando exatamente a mesma estrutura, o que, de acordo com ele,

não funciona, pois a tradução não se aplica de uma língua para outra. Como afirma Pereira (2001), muitos alunos tentam comparar a LM com a LE durante o processo de aprendizagem da língua, procurando semelhanças na pronúncia, escrita e estruturação de frases.

A professora Maria cita alguns exemplos, tais como a tradução quando o aluno confunde a conjunção “e” com o verbo “é” e traduz “Ela é bonita” para “*She and beautiful*”. Ela traz também um exemplo que considera clássico, que é o som do “th” e a necessidade (por parte dos alunos brasileiros no ensino-aprendizagem da LE) de se adicionar vogais no final de algumas palavras, como *cat* (“cati”), *dog* (“dogui”).

Sabemos que a fonologia das línguas é diferente e muitas vezes a pronúncia incorreta pode causar incoerência, afetando seu significado em uma frase ou até mesmo o não entendimento do que está sendo dito. Um exemplo típico de pronúncia é o som do “r” e do “h”. Isso acontece pelo fato de o som do “h” no inglês, na maioria das palavras, tem um som de “r” do português (SOUSA; TOMÉ, 2010).

Outras interferências típicas que alunos brasileiros cometem na hora de aprender a LE (no caso, língua Inglesa), é a pronúncia do “th”. Muitos alunos pronunciam palavras como *think*, *thank you* e *health* com o som de “f”. Isso ocorre pelo fato de não termos em nossa LM essa fonética, então alunos acabam interpretando a fonética mais próxima de sua própria língua, que no caso dos brasileiros, é a letra “f” (SOUSA; TOMÉ, 2010).

A docente Laís cita também o exemplo de quando o aluno quer fazer uso de certa palavra na LE mas ainda não conhece, e acaba usando a palavra na LM em meio a frases da LE. Com base em suas experiências, isso acontece em todos os níveis de instrução. Ela comenta também como essas interferências acontecem em textos e na fala: “A interferência ocorre principalmente quando os alunos estão elaborando textos ou se comunicando oralmente nos níveis iniciais e isso ocorre por conta da tradução simultânea que o aluno tenta realizar entre as línguas” (LAÍS, QUESTIONÁRIO, 2020).

Para sustentar essa ideia, Sousa e Tomé (2010) apresentam alguns exemplos de interferências que alunos cometem nos aspectos morfológicos e sintáticos da língua. Um exemplo típico apresentado pelas autoras é o uso incorreto do *simple past* e do *present perfect*; as autoras afirmam que esse é um problema semântico entre as línguas inglês e português.

A sexta e última questão foi: “Qual a sua opinião em relação a essas interferências? No seu ponto de vista, elas são positivas ou negativas? Como a diversidade linguística pode (ou não) favorecer a aprendizagem da LE?”.

Os docentes João, Júlia e Ana afirmaram que acreditam que as interferências são negativas no processo de ensino e aprendizagem da LE.

Ana afirmou que a LM acaba interferindo na pronúncia das palavras e muitas vezes os alunos tornam-se reféns da LM nesse processo, sentindo-se frustrados, pois não conseguem entender sem usar a LM, não desenvolvendo como esperado a LE. Ela acredita que em certos pontos é útil e pode ser usada, mas em outros acaba tornando-os reféns da língua materna, fazendo com que não desenvolvam tanto (ou como esperado) a língua estrangeira.

Para o professor João, essa interferência é encarada como negativa, pois aprender um novo idioma é também aprender uma nova forma de pensar e envolver-se com a cultura e, para ele, a LM interfere na maneira de pensar e nesse processo de aculturação da LE. De acordo com esse docente, a diversidade linguística presente no processo pode favorecer depois das primeiras barreiras vencidas, quando o aluno já está acostumado com a maneira de pensar dessa cultura.

Algumas palavras em inglês passam por uma transformação radical quando faladas em inglês. A docente Júlia acredita que um dos maiores erros no processo de aprendizagem da LE é a associação que os educandos fazem entre a LM e a LE. Entretanto, ela afirma que há estudos que pontuam essas analogias exercendo um papel positivo na aprendizagem da LE, vendo que algumas palavras aparentemente são similares e apresentam o mesmo significado, e isso ocorre com mais frequência do que com os falsos cognatos e também com características estruturais. Sousa e Tomé (2010) apontam o exemplo da palavra *notebook*, que significa caderno em inglês e usamos como computador em português, mas computador em inglês é *laptop*. Apesar de haver muitas palavras que são similares entre as duas línguas, temos também muitos falsos cognatos e as palavras inglesas que usamos em nosso vocabulário que têm significados distintos quando traduzidas.

De diferente modo, os docentes Maria, Clara e Laís acreditam que a interferência da LM é positiva nesse processo de ensino e aprendizagem. A docente Maria acredita que a interferência da LM é benéfica, pois nas escolas de ensino básico e médio, a diversidade de alunos que aprendem de formas diferentes é muito

abrangente. Para ela, a LM pode ser uma facilitadora, um meio rápido para explicar conceitos existentes nas duas línguas. Acredita que, se houver apenas o uso da LE, o aluno pode acabar se frustrando e criar um bloqueio, pois este tende a procurar equivalência e não encontra. Segundo Callegari (2006), ao observar a teoria de Krashen, esse diz que a aquisição da língua ocorre mais facilmente se o aluno tiver condições psicológicas favoráveis, tais como alta motivação, baixa ansiedade e autoconfiança elevada. Maria, no entanto, lembrou que a permissão do uso da LM pode representar um agravante, pois o aluno usufrui dessa comodidade e acaba esquecendo ou não se esforçando a atingir seu objetivo na aula, que seria o uso e prática da LE.

A docente Clara disse acreditar que essa interferência tem um ponto positivo e até mesmo essencial nesse processo, possibilitando os alunos a fazer associações e fazendo com que a aprendizagem esteja ao alcance de todos, principalmente pensando nas escolas de ensino básico, levando em consideração o grande número de alunos por sala de aula e a diversidade de níveis de conhecimento. De acordo com sua experiência em escola de idiomas, ela ressalta que há oportunidade de não interferir com a LM nesse processo de ensino. É mais fácil para o professor fazer com que o aluno entenda, pois os métodos e recursos são favoráveis, o professor encontra-se mais a disposição do aluno para tirar dúvidas e há menos alunos por sala de aula.

Por último, a professora Laís destacou que a interferência da LM é benéfica e serve como base importante nesse processo, pois, de acordo com sua experiência, ela percebe que, na maioria dos casos, a LM vai servir como base referencial para construção do repertório linguístico na LE. De acordo com ela, relacionando algumas teorias que alguns chamam como mapeamento linguístico, quando é feita a relação da língua inglesa com a língua portuguesa, as construções são muito parecidas, como o exemplo citado por ela - a construção do S.V.O. (Sujeito, Verbo e Objeto). Quando é feita essa comparação de uma língua para outra, podemos observar que há muita coisa parecida, e isso é muito favorável para o aprendiz. Como afirma Pereira (2001, p. 59), “Afinal, a língua materna é muito mais que isso se lembrarmos, por exemplo, do que Freud nos disse sobre a indestrutibilidade dos elementos inconscientes – que, uma vez constituídos, nunca mais seriam erradicados”.

Para finalizar, Laís disse entender que essa base é demasiadamente importante na aprendizagem, e assim o aluno se torna um pouco mais independente

da LM, e mesmo em níveis avançados vai haver a necessidade de fazer essa comparação. Fica, assim, impossível não atrelarmos a nossa língua no processo de ensino e aprendizagem de outra língua.

Em virtude do que foi mencionado, não há uma maneira correta para o ensino da LE com relação ao uso da LM, pois o que importa é o percurso da aprendizagem em si e as necessidades contextuais que devem ser devidamente proporcionadas para cada realidade, pois uma proposta de ensino pode não ser eficaz para um determinado grupo, mas isso não significa que pode não ser realizada com outro e alcançar os objetivos pretendidos. De acordo com Torquato e Romanelli (2004, p.34), “[...] o que, de fato, interessa é a relação entre professor e aluno, não aquela da afetividade (psicologizante), mas aquela permeada pela relação professor e o saber a ser ensinado”. O professor deve identificar-se com o que está ensinando para que o aluno também se identifique e tenha curiosidade, desejo e vontade de buscar o conhecimento cada vez mais sobre essa língua para assim alcançar o objetivo pretendido.

De acordo com os resultados apresentados na pesquisa, o aprendizado de uma Língua Estrangeira não faz com que erradiquemos a Língua Materna do processo. As interferências estarão, de algum modo, presentes, pois temos um vínculo afetivo com nossa LM e, muitas vezes, não percebemos isso até nos depararmos com o ensino de uma nova língua. Usar a LM quando se está aprendendo uma nova língua é reconfortante para o aprendiz, para que não se sinta frustrado e para que consiga fazer perguntas e se expressar, aprendendo e tendo como zona de conforto a LM, para que sinta que, se necessário, pode recorrer a ela sem precisar se sentir intimidado pela língua-alvo. A ideia de desconstrução da LM durante o processo de ensino-aprendizagem da LE deve ser, de acordo com a maioria dos professores participantes da pesquisa, esquecida, pois a diversidade linguística presente no meio do processo é normal. Embora nem todos os professores da pesquisa concordem que o uso da LM deve ser usado durante todo o processo, todos concordam que ao menos no processo inicial, nesse primeiro contato com a LE, ela se faz essencial como uma forma de facilitar o ensino e a aprendizagem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa nos possibilitou analisar a visão dos professores entrevistados sobre a interferência da LM no processo de ensino e aprendizagem da LE de acordo com o contexto em que eles atuam.

Os professores participantes desta pesquisa que atuam em escolas da rede pública de ensino destacaram que o uso da LM em sala é essencial, pois trabalhar com uma turma com um número excessivo de alunos e com níveis de conhecimento diferentes em relação à língua-alvo requer o uso da LM.

Já para professores que lecionam em escolas particulares e de idiomas, a transição da LM para a língua alvo é mais fácil, e o uso da LE torna-se mais frequente, devido ao número reduzido de alunos

Tendo em vista os argumentos defendidos pelos professores participantes deste estudo, pode-se observar distintas opiniões em relação à interferência da LM no processo de ensino e aprendizagem de cada docente, devido as suas experiências em sala de aula, crenças e formações.

Com a análise dos resultados, ficou evidente que a LM não pode ser erradicada do processo de ensino e aprendizagem da LE. Percebe-se, portanto, que a interferência da LM está presente de vários modos, e o grau em que está presente vai depender do contexto em que o professor e os alunos estão inseridos. De acordo com a pesquisa, podemos concluir que a LM fará parte do processo de aprendizagem da LE, pois como mencionado anteriormente, não nos desvinculamos de nossa LM para aprendermos uma nova língua, pelo contrário, buscamos em nossa língua um refúgio, tornando-a uma facilitadora no processo.

## 6 REFERÊNCIAS

BERNABÉ, F.H.L. **O uso da língua materna no ensino de língua estrangeira.** Diálogos pertinentes, Revista Científica de Letras, v. 4, n. 4, p. 243-257, jan/dez. 2008. Disponível em:  
[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/setembro2012/lem\\_artigos/bernabe.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/setembro2012/lem_artigos/bernabe.pdf). Acesso em: 14 out. 2020.

CALLEGARI, M. O. V. **Reflexões sobre o modelo de aquisição de segundas línguas de Stephen Krashen – a ponte entre a teoria e a prática em sala de aula.** Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, SP, v. 45, n. 1, 2011. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639424>. Acesso em: 15 abr. 2021.

CAVALHEIRO, A. P. **Que exílio é este, “o da língua estrangeira?”** Linguagem & Ensino, Pelotas, v.11, n.2, p.487-503, jul./dez. 2008. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/Ingles/anacavalheiro.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Ingles/anacavalheiro.pdf). Acesso em: 17 abr. 2021

FERNANDES, F. G.; CALICCHIO, F.C. **Prática de ensino da língua Inglesa**. 22 ed. Maringá - PR: Unicesumar, 2018.

FERREIRA-ROSA, I. **Língua, sujeito e identidade: algumas problematizações sobre a (des)constituição dos sujeitos-aprendentes no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira**. Domínios de Linguagem, v. 7, n. 1, p. 55-81, 30 jun. 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/19766/12557>. Acesso em: 04 abr. 2021

LEFFA, V. J. **Língua estrangeira. Ensino e aprendizagem**. ed. EDUCAT, Pelotas- RS: 2016. p. 324. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/lingua\\_estrangeira\\_leffa.pdf](http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/lingua_estrangeira_leffa.pdf). Acesso em: 20 ago. 2020

LIRA, W.M. **O multiculturalismo e a aprendizagem de línguas estrangeiras**. Rios eletrônica – revista científica da FASETE, ano 1, n. 01, Ago. 2007. Disponível em: [https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2007/1/o\\_multiculturalismo\\_e\\_a\\_aprendizagem\\_de\\_linguas\\_estrangeiras.pdf](https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2007/1/o_multiculturalismo_e_a_aprendizagem_de_linguas_estrangeiras.pdf). Acesso em: 26 abr. 2021

NÓBREGA E SOUSA, G. **Entre línguas de negócios e de cultura: sentidos que permeiam a relação do brasileiro com a língua inglesa e a espanhola**. Dissertação (Mestrado em língua espanhola) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

PEREIRA, E. F. de O. (2007). **O papel da língua materna na aquisição da língua estrangeira**. *Revista Inter Ação*, 26(2), 53–62. <https://doi.org/10.5216/ia.v26i2.1600>. Acesso em: 10 abr. 2021.

RODRIGUES, R. M. **A língua materna no ensino e aprendizagem de Língua Inglesa: suas crenças e uso**. Entrepalavras, Fortaleza - ano 2, v.2, n.2, p. 84-100, ago/dez 2012. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/74> Acesso em: 12 dez. 2020

SOUSA, A. B. TOMÉ, E. **A relação da interferência da Língua Materna nos aspectos fonológicos, semânticos e morfo-sintáticos da Língua Inglesa**. v. 3, n.1 (2010). Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/394-1263-1-PB.pdf> Acesso em: 14 dez. 2020.

TORQUATO, C. P.; ROMANELLI, S. **Estudo Italianistas: ensino e aprendizagem da língua italiana no Brasil**. Chapecó: Argos, 2014.

ZWIREWICZ, M. **Seminário de pesquisa e intervenção**. Florianópolis: IFSC, 2014.